

## ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA ENCONTRA MANOEL BONFIM

Nogueira Moutinho

Na indispensável tarefa de escavação arqueológica executada pela moderna universidade brasileira em busca das matrizes de nossa cultura, a vez de Manoel Bonfim (1868-1932) chegou. **História e Dependência: cultura e sociedade em Manoel Bonfim**, de Flora Sussekind e Roberto Ventura (São Paulo, Moderna, 1984), constitui a releitura crítica desse pensador sócio-político tão atingido pela sombra do esquecimento que, em 1965, Vamireh Chacon, na **História das Idéias Socialistas no Brasil**, exclamava entre surpreso e indignado: “Por que não se fala neste Manoel Bonfim?”

Curiosamente o trabalho de Sussekind e Ventura não é de autoria de especialistas em Ciência Política, em Sociologia ou em História das Idéias, mas sim de mestres em Literatura Brasileira, o que explica a abordagem da obra pelo ângulo da linguagem, iluminando de forma brilhante as apreciações ou a não-valorização de que Manoel Bonfim tem sido objeto. A conclusão não pode ser mais melancólica. O ilustre sergipano não foi vítima de nenhuma cabala reacionária que tivesse pretendido escamotear a virulência de suas análises, nem mergulhou no ostracismo em decorrência daquela nefanda conspiração de silêncio, tantas vezes urdida por interesses inconfessáveis em torno de algum inseminador de idéias revolucionárias.

Na verdade, Manoel Bonfim não conseguiu empostar o seu tom, não empreendeu uma ruptura ideológica dialeticamente eficaz, e graças a essa ambigüidade, estagnou-se nas areias de um aparelho conceitual anacrônico, que deixou indiferentes os contemporâneos por não ter sido suficientemente “novo” e não chega a sensibilizar a posteridade por ser inapelavelmente “velho”. Assim, explica-se em termos de Linguagem, e não por argumentos políticos a marginalização de um teórico que, todavia, tem o mérito de haver tentado libertar a inteligência brasileira dos preconceitos arianizantes de um Oliveira Viana. Ao lado de Alberto Torres, Bonfim encarna a proto-revolução copernicana na auto-reflexão nacional. É prenunciador da revolução definitiva que iria, anos mais tarde, ser levada a cabo, com decisiva vocação de ruptura, por Gilberto Freyre, por Sérgio Buarque de Holanda, por Caio Prado Júnior. Aliás, causa estranheza a ausência, na bibliografia, de menção a um parágrafo polêmico de Gilberto Freyre em **Perfil de Euclides e outros perfis**, de 1944, a respeito de Alberto Torres e de Manoel Bonfim, apontados como exceções entre os intelectuais

brasileiros do começo do século, eivados, todos eles, de pré-juízos raciais. Sobre Bonfim, entretanto, Gilberto acrescenta ter sido turvado, nos seus vários estudos, por uma como mística indianista ou indianófila semelhante à de José Vasconcellos, no México. Tal aproximação entre os dois ideólogos merece aprofundamento, pois poderá revelar, além das diferenças específicas entre a cultura mexicana e a brasileira, a possível matriz comum no seio mesmo duma corrente sincrônica de pensamento.

Figura instigante a de Manoel Bonfim. Não se deve esquecer de que um de seus postulados — a superação de nosso subdesenvolvimento através da instrução, da alfabetização das massas — coincide com o ideário de Bilac na campanha pelo serviço militar obrigatório, cujo objetivo precípua era tornar compulsório o ensino das primeiras letras aos recrutas vindos das regiões mais desamparadas do País. De resto, Bilac e Bonfim foram, de parceria, autores de considerável obra pedagógica, hoje totalmente perempta. Nela, porém, o texto de leitura *Através do Brasil* tem alguma coisa de comovedor: tentou ser, à nossa maneira, uma espécie de paráfrase ao *Cuore*, de Edmundo De Amicis. Livro este, cuja tradução brasileira se deve a outro sergipano ilustre, contemporâneo de Manoel Bonfim, e, como ele, integrado na mesma galáxia cultural, o também admirável João Ribeiro.

( Folha de São Paulo, 4-11-1984 )

N. da R.: Esta publicação pode gabar-se de ser das poucas, ultimamente, a recordar Manoel Bonfim. Seu número 69, de agosto/setembro de 1975, todo ele consagrado à historiografia sergipana, ocupou-se do historiador e sociólogo, com a transcrição de dois significativos excertos de sua autoria.